

O caminho inverso

1. Advertência prévia

Este não é um texto científico. Não reclama, portanto, nenhuma espécie de objectividade como invocação introdutória. Nem finge abordar percursos ou experiências alheias, nem mesmo para camuflar, ou para atenuar, a sua completa e confessada parcialidade. É um texto que fala do seu autor, enquanto viajante de uma viagem íntima entre mundos, com um mar de água e tempo de permeio.

Em minha defesa, invoco ter sido apresentado no programa deste colóquio como poeta. E a circunstância de acreditar que essa qualidade me autoriza, a mim e a todos os restantes seres que ladeiam ostensivamente a ciência para descrever o mundo, a olhar informalmente para ele e dizê-lo segundo pontos de vista pessoais que não precisam, em princípio, de qualquer prévia aferição epistemológica.

Colocadas estas explicações introdutórias, e estando já produzidos os verdadeiros contributos destinados a aumentar a compreensão de todos sobre o papel dos oceanos a separar os indivíduos, e o dos caminhos sobre o mar a aproximá-los ou a apartá-los, porventura, ainda mais, eis o que sou capaz de acrescentar:

2. O caminho habitual

Quando os caminhos do mar se iniciaram nas praias mais ocidentais do velho mundo conduziram às ilhas do novo mundo. Quando, muito mais tarde, principiaram nas ilhas, abriram o rosário das diásporas. Mas destes caminhos de espuma já falaram as vozes realmente sabedoras, pelo que não me atrevo a acrescentar mais nada ao que disseram. A verdade é que não sei grande coisa das rotas que começam nas ilhas por tê-las viajado, ainda que acredite ser capaz de imaginar a força que impele os que as percorrem, que deve conter sempre uma mistura azeda de desilusão e terra exígua, de estoicismo e de esperança. De diáspora sei apenas o que imagino que seja: uma teia interminável de viagens e, no fim de cada uma, uma tentativa de reconstituir a pátria que ficou para trás, erguendo-a com materiais estranhos sobre um solo estranho. E depois fingir que não se vê como cresce, híbrida e cercada, essa pátria de síntese, contaminada por cheiros e por sabores diferentes, por olhares diferentes, por palavras diferentes.

E é a hibridez, muito mais que a saudade ou a distância, a tragédia que imagino escondida por detrás dos laços que se cruzam com as terras estrangeiras a que conduzem os caminhos do mar. A hibridez insidiosa que se vai apoderando, a pouco e pouco, da memória, dos gestos e dos pensamentos, até subsistir apenas o som residual de um tempo sem raiz e um sotaque parado no tempo, à mercê de uma fonética alienígena e infestante. De onde emergem seres suspensos que não pertencem a nenhum lugar, mas que andam pelo mundo óbvios, como se transportassem uma pátria a tiracolo. Como os mergulhadores dos abismos do mar, que levam sempre consigo todo o ar que precisam quando neles se aventuram, ou então não regressam. Como os astronautas, que exploram o cosmos do interior da vertigem de um planeta em miniatura à beira do colapso.

É essa a tragédia: viver na intersecção de mundos, numa falha tectónica, onde os alicerces novos são precários e uma aflicção residual subsiste, subterrânea. E deve ser assim o imenso mapa estelar da diáspora: um tecido ténue, como o céu da infância, onde mãos anónimas acrescentam os registos a fogo de uma multidão de pequenas tragédias.

É, também, em nome dessa dor que justamente se fala dos caminhos do mar e dos locais aonde eles levam. De dores como partir, a que nem sempre corresponde o lenitivo, nem que seja tardio, de regressar. Mas, também, de dores como ficar e ver a terra original sangrando e despovoando-se, como testemunhou a poeta galega Rosalía de Castro, no poema “As viudas dos vivos e as viudas dos mortos”, do seu livro *Follas Novas*, e de onde destaco o seguinte excerto:

*“Este vaise i aquel vaise,
e todos, todos se van,
Galicia, sin homes quedas
que te poidan traballar.
Tés, en cambio, orfos e orfas
e campos de soledad,
e nais que non teñen fillos
e fillos que non tén pais.
E téis corazóns que sufren
longas ausencias mortás,
viudas de vivos e mortos
que ninguén consolará”*

ou de dores como de nascimento, das ilhas-mães que se abrem com fonte interminável de peregrinação, como documenta o poema “Rota Longa” de Teobaldo Virgínio, poeta de Cabo Verde radicado na América, no seu livro *Viagem para lá da fronteira*

*“Irei na rota branca
da rosa de espuma
na hora madrugada
promissora da brisa.*

Rota longa rota longa

*Irei com a pétala ressequida
da tórrida paisagem
para além das distâncias secas.*

Rota longa rota longa

*Rota longa de espuma
vou irei espalhar minhas pétalas ressequidas
na hora madrugada
das correntes desatadas.*

Rota longa rota longa

Vou irei sem detença

*para além das distâncias secas
em busca do abraço ancorado
na outra margem da curva líquida.*

Rota longa rota longa

*Vou ir na hora alta desta vigília
e a manhã clara acontecerá.*

Rota longa rota longa

*Vou ir contra todas as cadeias protestantes do meu rumo
em cada protesto que embarco
na ondulação que se desatraca”*

das ilhas que se disseminaram por constelações de pequenas comunidades expatriadas por todo o planeta, que não caberiam, agora, no berço original se a diáspora implodisse dissolvendo todos os caminhos num imenso regresso.

2. O caminho ao revés

Nas ilhas fala-se menos, todavia, dos que fazem a viagem ao contrário. Aqueles que, vindos dos grandes espaços continentais a elas arribam, trazidos por marés discretas, e nelas silenciosamente se fixam, aturdidos. De como pode ser penosa a aventura de escavar, em solo tantas vezes escasso e duro, um ponto onde enxertar a alma confundida pela presença obsessiva do mar, pela proximidade aflitiva das nuvens e pela concentração de todo o espaço a percutir os olhos.

Talvez os que nasceram nas ilhas não tenham disso consciência, mas as ilhas são densas, como denso é o ar que as envolve e densos os mistérios que contêm. E há algo de profundamente intenso a perturbar a sua essência. Cada ilha é um útero. Todo o universo concentrado até o anel do mar o transformar numa aflição esférica. E tão suavemente se insinua desde sempre essa opressão pelos sentidos embotados que os seus filhos nem reparam como lhe estão sujeitos. A não ser quando desatam esse abraço amniótico e se encontram sozinhos contra um grande céu despojado, ou quando o horizonte não se fecha num tranquilizador silêncio azul e circular, a aplacar os olhos assombrados.

Ao invés, são mais rarefeitos os continentes, onde a emoção se pode dispersar pela imensidade e ser um lastro leve que não nos estrangula.

Eu fiz a viagem contrária ao do vento. Da depressão para o anticiclone. Do espaço rarefeito para a densidade. Comecei numa planície que se me afigurava sem limite. Uma planície de searas e montados sem vestígio de água à superfície, a não ser seguindo certas linhas de choupos e salgueiros até perder de vista. E um espaço ilimitado entre as cidades. Poucas pessoas, estradas empedradas onde os automóveis esparsos se ouviam a léguas de distância, tardes em que as sombras cresciam sem parar até tocar a noite. Geadas. Manhãs lavadas por chuvas insistentes. Verões inertes. Uma terra de extremos. Uma terra extremosa.

Menino o moço me levou o meu Pai dessa terra onde a minha consciência despontava, para outra. Esta. Lisboa não passou de um ponto no caminho, uma madrugada húmida e estremunhada. O navio que nos trouxe era um cargueiro da *Sociedade Geral* que se chamava “Alfredo da Silva” e transportava pouca gente. E não havia, no cais, uma multidão de lenços brancos e de lágrimas a dizer-nos adeus, voltem depressa, não deixem de escrever. E avultava um mar a interpor-se à medida que a viagem progredia, entre a minha consciência confundida e o seu chão original, que hoje represento ornado de rosmaninho e giesta, por falta de referência mais actualizada, quando ousou invocá-lo sob as novas raízes que criei, primeiro, e aceitei definitivamente, muito tempo depois.

Sei, portanto, o que é viajar sobre as ondas. Que cada um de nós é, como as árvores, um único com a terra que pisa, e como é semelhante um navio a um vaso, que nos transporta, como que suspensos, entre os mundos, de canteiro em canteiro. E o que é substituir o horizonte, até doer o olhar, por um anfiteatro vertical em que todas as casas se debruçam para o mar como que a guardá-lo. E o que é acordar no outro dia e o ar cheirar diferente, e haver jacarandás florindo na cidade, e maresia e os cânticos dos pássaros serem outros.

Sei tudo isso, o que me habilita a acreditar que talvez compreenda um pouco das viagens que fazem a diáspora. Aceitai, então, partilhar comigo a minha impressão de uma diáspora ao contrário.

Aos olhos dos que já cá estavam, e não eram capazes de se conceberem sendo de outro lado, eu era um estrangeiro. Não era a nova terra que era estranha. O estrangeiro era eu, que falava de coisas diferentes, de uma forma cantada de maneira diferente. E era notória a minha inabilidade para conviver com as coisas que, aos demais, eram tão familiares que nem davam por elas. Coisas como haver gaivotas, por exemplo. Ou um porto e guindastes, crenas, como se dizia sem se ter consciência da intromissão linguística de um inglês aportuguesado. Bomboteiros. Coisas como haver navios como cidades a atroar os ares com as suas tristíssimas sirenes. Crianças a mergulhar do molhe a perseguir moedas atiradas dos navios. Tetrápodes de cimento. Nevoeiros gotejantes e perpétuos. Urzes suplicantes. Coisas como haver uma espécie de trenós, corças como se chamavam, a deslizar sobre íngremes calçadas de calhaus polidos. Tardes de cinza. Fulgurantes aguaceiros. Tectos de colmo. Oitavas de Natal. E velas com a cruz de Cristo, simétricas, a engalanar as romarias entre flores de papel, bandas de música e brinquinhos.

Nessa altura, o meu protesto contra a novidade que tinha interrompido a minha simbiose com a minha origem era, ainda, menor que o meu fascínio pela novidade. E era tão grande o fascínio que nem tinha tempo para ver como eram diferentes o meu olhar e os dos outros. E como era estranho o meu olhar sobre estas coisas agora tão vizinhas.

A esta distância, tenho muitas vezes a impressão de transportar memórias falsas. Memórias de uma existência, anterior a esta, num lugar sem tempo. Memórias de massas de granito a aflorar do solo com líquenes e mistérios, deuses endovélicos, pontas de sílex, tardes paradas sob o arfar lentíssimo do peito. Memória de um verão interminável, de correr minúsculo e descalço contra um vento brando. Memória de um Avô sábio e poderoso, capaz de dar sentido aos campos em redor com o seu passo firme. Um Avô quase bíblico, de samarra e bordão e toda a sabedoria do seu povo.

3. Acto de aceitação

Alguns meses depois do final da viagem que me trouxe a este chão de onde se parte, o fascínio era uma peleja entre dois mundos. E uma recusa surda de aceitar outras raízes que não as que trazia amputadas, outras palavras que não as que já nada significavam, outra saudade que não a de mim próprio. Talvez por isso tenha tentado conservar ao menos algumas palavras que me pareciam ser essenciais, e um modo de pronunciar diferente, como estandarte contra este mundo que não sabia querer enquanto o outro não cicatrizasse. Durante muito tempo continuei a chamar papagaios às joelhas que as crianças alteavam neste céu pesado, e físgas às forquilhas, e camionetas aos horários que subiam e desciam entre roncos e uivos, e batatas e batata-doce a coisas que toda a gente sabia serem semilhas e batatas. E a dizer antevéspera. E pronunciar obstinadamente os *éles* à maneira peninsular. E os *is* cortantes.

Até que um dia, sem que eu desse por isso, a ferida deixou de doer, embora feridas destas nunca cheguem verdadeiramente a fechar. Sei disso quando visito a minha terra de origem e tenho de mostrar o bilhete de identidade, onde se lê “Sé, Évora”, para acreditarem que aquele estrangeiro não é estrangeiro. Sei disso quando vibro em consonância com todas as pedras da antiga cidade, como se as tivesse habitado mil anos. Mas, sobretudo, porque não conheço lá ninguém, nem ninguém jamais ouviu falar de mim. É aí que a ferida se abre um pouco mais, por uns momentos, e me revejo criança a correr descalço e veloz contra um vento mágico que me sustentava, e sei que, ao menos, o meu Avô me reconhece.

Depois adormeci para essas coisas da identidade, habituado à hibridez que o tempo, sem que eu protestasse, se ia encarregando de tratar. Passaram-se dez anos, depois outros dez, depois mais sete, e publiquei o meu primeiro livro de poemas. Chamava-se *xxxiii poemas de ilhamar*.

Aqui na Madeira é, ainda, costume excluir-se, nestas ocasiões, “Basta que sim!”

Ninguém deve ter dado por isso, ou, se o percebeu, ninguém o disse, e é por isso que o afirmo, ou revelo: o que esse livro era, de facto, era um acto de aceitação. A reconciliação formal de um conflito que tinha agonizado lentamente. O equivalente a pôr o dedinho no chão, como ainda se diz por cá.

Uma reconciliação que se afirma, explícita, no poema v

*mil vezes o universo cabe numa ilha
mil vezes o mar
obstina os corpos
mil braços negam as vertentes sempre mudos*

*mas nos socalcos não cabe o olhar de uma mulher
antes que o mar
seja limite
e se uns não puderam ficar outros não sabem
partir
por isso mil vezes a memória da ilha é imensa*

quando oprime

*mas às vezes cabem enxutas todas as vozes
e nasce o silêncio
(vem pela vereda à meia-hora uma liteira
e o vapor do cabo acena o urro da sirene)
e logo outra noite e o mar renasce
há-de nascer purificado e lascivo como sempre*

*e sobretudo o mar
que no universo cabem todas as ilhas
e todos os modos comuns das árvores e dos homens
mil vezes as mãos as transformam e ligam
se puderem*

Uma aceitação que se define como uma entrega sem reserva, quase como uma súplica, expressa no poema xvii

*foi com as mãos
que sempre quis esta ânsia
de não caber aqui
sempre fui e voltei
sempre às vertentes côncavas
leve e denso como as nuvens
e mais que por amar este chão
de mar sitiado de miragens
por desejar que rasguem as raízes
o meu corpo de planaltos e urzes
e o meu eco esgotado pelo vento
e o meu jeito secreto
nunca mais que a florado pelas máscaras
e a cinza
que é quando todo o céu se despedaça
nas águas*

*e o meu sonho é que este mar me queira
e me faça de azul os braços de uma ilha
aturdida
e os olhos de basalto
longos e mudos como as velas
que o mar há-de trazer (que as vozes
e as vezes de chegar
sempre foram mais que as de partir)
quando o mar me quiser*

E uma afirmação de absoluta pertença, no poema xi

*“tal como os corpos
não aceitam ser contíguos aos corpos
as mãos intersectam as mãos*

quando apenas se tocam

somos árvores
algo nos impõe limites sólidos
na tortura dos ramos
por isso o abraço recomeça
subterrâneo nos dedos
das raízes”

Foi assim. Que me perdoem os meus poucos leitores este duplamente desusado gesto de falar de mim e de propor uma leitura para textos que já não me pertencem. E os meus altamente improváveis exegetas, por lhes retirar, quem sabe?, um motivo de disputa académica, se alguma vez alguém se lembrar de estudar a poesia escrita nesta ilha no final deste século XX à beira de finar-se. E vós, os que tivestes a paciência de escutar este discurso nem sempre devidamente contido nos limites do pudor e da ocultação atrás do labirinto do texto, como costuma ser aconselhado nestas circunstâncias onde alguma formalidade é requerida.

Ainda um *post scriptum*:

Nunca deixarei verdadeiramente de ser uma criatura que, de alguma maneira, continua a caminhar no gume entre dois mundos, embora haja quem, por caridosa falta de atenção, me considere um poeta madeirense. Quarenta anos depois de ter aqui aportado, é óbvio que aprendi o mistério e o mister de ser madeirense. Sou um madeirense por adopção e por educação informal sistemática, passe o paradoxo. Mas sou, também, uma criatura híbrida e sê-lo-ei sempre. Nas minhas células, sob o riquíssimo húmus insular, subsiste a pulsação residual de um tempo que se mede por uma escala diferente. A da eternidade da planície ondulante e da sucessão dos povos que a tiveram, e cujos traços ainda devem ser, como se constata, mais do que prováveis no meu sangue.

Carlos Nogueira Fino, Abril de 2000

Bibliografia:

de Castro, Rosalía (1880). - Follas novas
(http://www.galego21.org/tominho/textos/rdc_fn.html).

Fino, Carlos Nogueira (1986). “xxiii poemas de ilhamar”. Funchal: SRTC/DRAC.

Virgínio, Teobaldo (1973). "Viagem para lá da fronteira". Lisboa: Publicações da Casa de Cabo Verde. (<http://nicewww.cern.ch/~pintopc/www/Africa/Africa.html>).